

LITERATURA E POLÍTICA: AS CONTRIBUIÇÕES POLÍTICO-PEDAGÓGICAS DA LITERATURA NA FORMAÇÃO CRÍTICA DO ALUNO

José Elisson do Amaral SILVA (UFPA)

Sandra Maria JOB (UFPA)

Resumo: Neste trabalho, procurar-se-á analisar e compreender a função da literatura como um possível instrumento para o engajamento político na luta contra o processo de alienação que a escola nos impõe em prol do desenvolvimento da cultura capitalista. Para isso, buscar-se-á criar propostas pedagógicas para se trabalhar com a literatura em sala de aula com o intuito de auxiliar a transformação do ensino que é atualmente oferecido aos alunos das escolas públicas. Desta forma, a proposta de desenvolvimento desta pesquisa qualitativa tem como objetivo discutir a partir de referências teóricas, o quanto a literatura poderia contribuir para a formação intelectual e humana do aluno para chegar ao resultado principal desta pesquisa que é identificar algumas possíveis obras literárias capazes de cumprir o objetivo de conscientizar politicamente o indivíduo e que produzam práticas de engajamento que permitam a valorização do uso desta vertente literária na escola. Para tanto, o respaldo teórico aqui parte de autores como Benôit Denis (2002) e Afrânio Coutinho (1975) entre outros.

Palavras-chave: Literatura engajada. Educação. Ensino.

Introdução

A proposta inicial deste trabalho é discutir como podemos utilizar a literatura como uma ferramenta para formar cidadãos mais críticos e, por que não dizer? mais humanos. Além disso, a intenção é também apresentar possibilidades de se trabalhar com ela em sala de aula, utilizando-a como ferramenta para uma conscientização política e social capaz de proporcionar um campo de experiência crítica voltado para o conhecimento sócio-político. Isso por que partimos do pressuposto de que a obra literária possui significado político-pedagógico e contribui para elucidar a realidade social na qual tanto educadores quanto educando se encontram inseridos. Acredito que a literatura pode constituir-se em fator de aperfeiçoamento educativo. Mas para isso seria necessário primeiramente que pais e professores despertassem na criança o hábito e o gosto pela leitura, e, por outro lado, que esse leitor tivesse fácil acesso a todos os tipos de textos possíveis. Partindo do pressuposto que isso aconteça, na prática, caberia ao professor selecionar as obras que melhor atenderiam a essa proposta de trabalho, isto é, literaturas engajadas. Neste contexto é que se insere este trabalho que também busca identificar e refletir sobre obras literárias capazes de cumprir o objetivo de formar cidadãos críticos. E, além disso, procurará criar uma proposta pedagógica para se trabalhar com esse tipo de literatura em sala de aula.

Breve histórico sobre a literatura engajada

A literatura como manifestação artística, que obtém da linguagem sua matéria-prima, remonta a uma existência milenar da qual podemos observar o surgimento de grandes produções a partir da Grécia antiga. Porém, como não poderia deixar de ser, o modo como a literatura foi concebida e produzida no decorrer dos tempos difere de um momento para o outro, devido às mudanças históricas e sociais pelas quais passam as civilizações.

Ao longo de sua história, como já é sabido, a literatura foi conceituada e vista sob a ótica de algumas vertentes filosóficas, históricas e políticas, por exemplo, que a consideravam como sendo um/a: “veículo de expressão do nacionalismo literário”, “panfletagem governamentista”, “objeto de entretenimento e evasão”, “sustentáculo para denúncia”. Estas foram algumas das concepções literárias proferidas no decorrer de sua história (DENIS, 2002). Concomitantemente a essas concepções, outra questão também permeou a literatura, qual seja: a função da literatura.

O questionamento sobre a função da literatura há bastante tempo vem sendo discutida por teóricos que possuem diversas opiniões sobre o assunto, mas que geralmente giram em torno de duas abordagens distintas: literatura como função engajada e a literatura apolítica ou arte pela arte. Na obra de Denis, *Literatura e engajamento, de Pascal a Sartre* (2002), observa-se a relação antagônica que existe entre essas duas vertentes da literatura: a política e a estética, em que esta busca enfatizar apenas o belo, a apreciação da arte e aquela valoriza as questões sociais e políticas que nos rodeiam e que explora no leitor seu senso crítico e atinge seu objetivo de formador de opiniões

a literatura como função estética, a chamada arte pela arte, que enfatiza a forma estética da obra e deixa de lado o conteúdo político e social que pode haver dentro da obra literária, [...], para muitos teóricos esta não é uma função satisfatória, a partir daí, observa-se o outro papel da literatura, a chamada literatura engajada, que contribui para uma abordagem das questões sociais e políticas. (DENIS, 2002, p. 19).

No âmbito literário, a ideia de uma obra que tivesse função de proporcionar ao leitor somente a beleza, foi tornando-se cada vez mais rara. A arte estética foi perdendo espaço para a arte intelectual, e a literatura engajada ganha mais evidência, uma vez que a vivência com os resultados das duas guerras não permitiam o descaso e o silêncio. Deste modo, pensar qual seria o papel da literatura neste novo e diferente mundo pós-guerra fez-se urgente. É o que relata Burns em *História da civilização ocidental* (1989):

A Grande Depressão dos anos 30 obrigou a um reexame dos métodos e das finalidades da literatura. Em meio à estagnação econômica e às ameaças de

totalitarismo de guerra, desenvolveu-se a teoria de que a literatura devia ter um propósito político, que ela devia condenar a mesquinhez, a crueldade e o barbarismo, além de apontar o caminho para uma sociedade mais justa. (BURNS, 1989, p. 711-712).

Constatado isto, novas tendências intelectuais e culturais destacam-se e alguns escritores que tomaram frente à problemática criaram uma nova forma de conceber a literatura como engajamento político.

Nos tópicos seguintes, abordaremos com mais ênfase este termo, e apresentaremos alguns teóricos que abordaram a literatura sobre uma perspectiva mais realista e crítica que é capaz de auxiliar no ensino educacional

O ensino de literatura: breve contextualização

Dentre os vários estudos sobre o ensino de literatura, observa-se que eles trazem diferentes modos de abordagem sobre tal tema, mas, de modo geral, deixam transparecer a necessidade de se criar novas práticas metodológicas para o ensino dessa disciplina. Isso, ainda de acordo com esses estudos, por que o ensino tradicional da literatura nas escolas é feito com ênfase em aulas expositivas e de forma superficial, fundamentadas em livros didáticos que apresentam uma abordagem cronológica, baseada em panoramas históricos e características de estilos de épocas, sem se deter, diretamente, na “leitura” de textos literários. Observou-se ainda a tendência para um ensino da literatura abstrato, fragmentado e desvinculado da realidade sócio-política do aluno, sem uma análise crítica dos textos e autores, da importância que o autor e sua obra pode exercer na história da literatura, em fim, práticas pedagógicas que aprofundassem mais o ensino literário e não apenas superficialmente. A prática mais usual se detém em autores canônicos, para exemplificação de determinada "escola" em que se inserem. As opiniões dos alunos em relação ao ensino literário aplicado em sala de aula evidenciam a existência de um bloqueio dos adolescentes que não gostam do que leem na escola, porque a leitura recomendada não desperta o interesse neles.

Pelos documentos legais que regem o ensino no Brasil, (PCN e LDB) a literatura acha-se inserida na área de Língua Portuguesa. Talvez por estar pouco elucidada dentro desses documentos, o que muitos estudos sobre o ensino de literatura revelam é que “ensina-se literatura para aprender gramática, para revisar a História, sociologia, psicologia e para redigir melhor, tornando-se matéria para adornar outras ciências, o texto literário descaracteriza e afasta de si o leitor” (BORDINI, 1989, p. 9).

Para Coutinho (1952, p. 24),

Dado que a matéria literária é fundida no ensino de linguagem, torna subsidiária do mesmo. Portanto não há interesse especialmente literário no ensino de literatura.

[...]. O ensino da linguagem visa a capacidade de usar a língua como instrumento de comunicação, enquanto o da literatura pretende acentuar o aspecto estilístico e moral da obra e desenvolver hábitos não profissionais de leitura.

Portanto, com a literatura fazendo parte da disciplina de língua portuguesa, fica evidente a subordinação de objetivos da primeira para segunda, com graves danos para a formação literária, sem que se obtenha o objetivo esperado neste trabalho, de formar leitores críticos autônomos e conscientes do seu papel social e político.

Por isso, seria, talvez, mais produtivo algumas modificações no sistema educacional atual, mudanças no conteúdo programático, separando as duas disciplinas e os dois programas. Isso consistiria em transformar a literatura em disciplina autônoma no currículo secundário, desvinculando-a da abrangente disciplina de Língua Portuguesa.

Outro problema em evidência é que o ensino tradicional de literatura vigente nas escolas é feito de dois modos: construindo comentários e conceitos a respeito das particularidades de cada escola literária e estabelecendo panoramas históricos. Seja deste ou daquele modo, esse tipo de ensino não abre espaço para discussões, debates através dos quais poderia ser feito diálogo com textos de diferentes períodos literários e a partir dos quais oportunizasse ao aluno questionar e interagir com o texto.

Em suma, a literatura ensinada nas escolas tem sido (des) tratada ao longo dos anos de uma forma questionável, visto que a mesma é usada com outros fins (ensino de gramática, prática da leitura) que não o literário. Não podemos e nem devemos descartar esses outros fins, mas é preciso adaptá-la dentro da escola para que a mesma não tenha esse único e específico objetivo. É preciso transformar o uso da literatura nas escolas para que a mesma possa contribuir de outras maneiras na vida acadêmica e social do aluno, ou seja, é preciso trabalhar com a mesma de tal forma a mostrar para o aluno um conteúdo social e político, reflexivo, indagador e denunciador que muitos textos literários contêm.

A educação em muitos momentos pode ser vista como uma arma ideológica, uma forma pedagógica de desenvolver e manter as concepções e ideias daqueles que estão no domínio de um determinado grupo social. Daí a necessidade que se trabalhe a consciência ideológica, buscando levar as pessoas a perceberem a enorme diferença que existe entre a maneira como elas imaginam a realidade e como esta se constrói de fato. E é por isso que se faz urgente (re)pensar o ensino da literatura em sala de aula.

Literatura em sala de aula: possíveis propostas metodológicas

Por inúmeros motivos, o uso da literatura como recurso a ser utilizado para desenvolver o lado crítico, consciente do cidadão, ainda é tratado de forma negligente dentro do ambiente escolar. O que é uma pena, visto que existem diversos autores em cujas obras há um comprometimento com o contexto social e político que devemos ou deveríamos nos apropriar e levar adiante – mais especificamente para nossos alunos. Como uma das causas desse não uso da literatura é por que o professor não saberia como trabalhar com tal literatura e/ou nem sabe qual literatura tem um teor mais engajado, apresentaremos a seguir algumas propostas metodológicas, assim como os autores cujas literaturas vêm ao encontro dessa proposta de conscientização do aluno através do texto.

Um autor possível para ser trabalhado em sala é Castro Alves. Ele foi um notório escritor do Romantismo (1836-1881), poeta engajado, que sempre buscou lutar contra as injustiças sociais, em especial a escravidão, e, por isso, tornou-se conhecido até hoje como o “o poeta dos escravos”.

Um de seus poemas que retrata toda sua insatisfação e luta contra esse problema social é “O Navio Negreiro” (1868), em que o autor retrata a realidade da vida sofrida de um escravo, os castigos, maus tratos e humilhações pelos quais os negros passavam.

Ontem plena liberdade,
A vontade por poder...
Hoje...cúm'lo de maldade,
Nem são livres p'ra morrer.
Prende-os a mesma corrente
- Férrea, lúgubre serpente -
Nas roscas da escravidão.
E assim zombando da morte,
Dança a lúgubre coorte
Ao som do açoute...

Embora seja um poema longo, é possível de ser lido com turmas a partir do quarto ano, por exemplo, mas talvez até mesmo antes. Após leitura, poder-se-ia, proceder a um debate, buscando comparar a vida do negro no texto com a vida do negro na sociedade atual, questionando sobre o que teria mudado, se teria mudado e, principalmente, questionando o que seja escravidão para eles e se existiria outros tipos de escravidão sem ser aquela vivida pelos negros. Isso, no mínimo, poderia levar alguns alunos a (re)pensarem que existem vários tipos de escravidão e que aí é que se encontra o problema de uma questão que é muito mais ampla e complexa do que parece ser à primeira vista.

Outro escritor que tornou sua obra notoriamente engajada e militante foi Jorge Amado, sua produção literária sempre abordou questões sociais e políticas com fortes tendências a ideais comunistas, ao ponto de sua obra ter sido traduzida aproximadamente para quarenta idiomas diferentes, principalmente em países antifascista e simpatizante do comunismo.

Uma de suas obras com valor social e político foi *Cacau* (1933). Este narra a história do personagem José Cordeiro, que depois de perder tudo o que tinha viu-se obrigado a ir trabalhar nas fazendas de cacau em Ilhéus. O romance apresenta de forma crítica a sociedade baiana da época, a vida dos trabalhadores das fazendas de cacaus no interior da Bahia. O texto aborda questões como a exploração do trabalho desumano e quase escravo, a desigualdade social. O texto a seguir demonstra todo o antagonismo presente na sociedade baiana da época, em que alguns ostentam seus bens como dinheiro e joias, outros brigavam por um pedaço de pão. O trecho expressa a miséria da população que tinha o que comer e muitas vezes passavam fome.

A fome multiplicava os pães, enchia a pastelaria toda, deixandoum canto apenas para o empregado. Após multiplicar, dividia. A fome tinha agora um manto de juiz e a mesma expressão eterna de Jesus. E dava os pães todos aos ricos, que entravam em procissão com notas de cem mil-réis nos dedos com anêise mostrava um grande pedaço de língua aos pobres, que naporta estendiam os braços secos. Mas os pobres invadiam a Xdo Problema, derrubavam a imagem da fome e levavam os pães. Fui entrando com eles. Mas o empregado deteve-me:

— O que é que quer?

Passei a mão pela testa. O suor corria. Os ratos, no meuestômago, roíam, roíam... Olhei e vi que os pães e o São José continuavam no fundo da padaria. Murmurei para o empregado que se dispunha a chamar o guarda:

— Me desculpe. Não quero nada, não.

Os criados entravam com dinheiro e saíam com pão. (AMADO, 2000, p. 18-19).

O texto pode ser trabalhado com turmas a partir do 5º ano. Inicialmente o professor poderia dividir a turma em grupos, a partir daí cada grupo ficaria responsável por pesquisar e apresentar á turma a biografia do autor, a obra e a importância de Jorge Amado na literatura brasileira. Logo após esse momento o professor daria início a leitura e análise do poema. Depois dessa etapa o professor desenvolveria um debate buscando relacionar os problemas sociais e políticos enfatizados no texto com os problemas atuais, como por exemplo, a desigualdade social da sociedade baiana expressa claramente na obra e a desigualdade que existe na sociedade brasileira de forma geral. Esse debate poderia fazer o aluno a analisar a maneira como é organizada a sociedade brasileira, que exclui a massa popular, os trabalhadores de classe baixa que muitas vezes vivem em circunstâncias desumanas em prol de privilégios de uma minoria rica, faria com que os discentes (re) analisassem sua opinião sobre a sociedade em que vivem, que muitas vezes é injusta e incapaz de suprir e atender todas as necessidades e direitos de todos os cidadãos.

Outro grande escritor que abordou em suas poesias questões sócio-política foi Chico Buarque de Holanda, nosso contemporâneo. Os engajamentos políticos e sociais das canções do poeta refletiam uma época marcante da história do Brasil. Sua produção artística serviu de luta social e política contra o regime militar imposto na época e faz uma análise crítica da sociedade, contrapondo-se a tudo que seja opressivo e que não condiz com uma sociedade igualitária e justa.

Pai, afasta de mim esse cálice
Pai, afasta de mim esse cálice
Pai, afasta de mim esse cálice
De vinho tinto de sangue

A obra de Chico Buarque tem grande valor ideológico, político e social, uma vez que nos possibilita a reflexão acerca de nossa realidade. Levando em conta o seu caráter engajado, sua obra pode ser utilizada como instrumento pedagógico na sala de aula, na tentativa de conscientizar o aluno (8ª série), discutindo temas como: liberdade de expressão, os direitos sociais e políticos de uma sociedade. Outro fato importante da obra engajada de Chico Buarque é que a mesma tem uma relevância não somente no campo da literatura, da poesia ou da arte, mas abre caminhos para discussões em outras perspectivas, como, por exemplo, a história e a geopolítica.

Pedagogicamente a literatura tem um caráter interdisciplinar, pois nos dá a possibilidade de adequarmos seus textos em outras disciplinas.

A proposta pedagógica em torno da obra de Chico Buarque, sendo usado como recurso pedagógico o trecho da música “Cale-se”, poderia ter como início uma pesquisa e análise do contexto social e político do Brasil na época em que o poema foi escrito, a partir desta análise e pesquisa, o aluno estaria inserido dentro do contexto de uma parte da história do Brasil. O poema expressa a realidade política da época, em que a censura restringia o direito de liberdade de expressão do cidadão. Logo após a pesquisa sobre a obra o autor e a realidade da época, o professor poderia trabalhar com os alunos o gênero textual reportagem e a partir deste estudo dessa tipologia textual o docente forneceria a turma reportagens sobre o regime militar, sobre a censura imposta aos escritores da época, isto daria margem ao professor para trabalhar temas transversais e de caráter social e político, como por exemplo, o surgimento de grupos e instituições (UNE, Movimento Tropicália) que lutavam por direito a liberdade de expressão, por direito ao voto etc.. O professor ainda poderia debater em sala de aula o direito á liberdade de expressão, direito esse garantido por meio da Constituição, apresentar e discutir os princípios constitucionais fundamentais, que devem ser cumpridos e respeitados. A conclusão da proposta pedagógica teria como objetivo proporcionar ao aluno a consciência de seus direitos e deveres, que podemos e devemos buscar. Esta análise e abordagem da história do Brasil por meio da literatura poderiam promover no aluno uma análise a cerca Esta etapa tem um caráter interdisciplinar, pois o conteúdo do texto aqui em destaque não se

restringe somente a disciplina de português/literatura, mas também abrange outras disciplinas, como a história. Uma vez que abre espaço para discussões como o “a história e o desenvolvimento político do Brasil”, “o regime militar brasileiro”, “Diretas já” etc. Através do ensino literário conseguimos não apenas alcançar habilidades e competências dentro do campo linguístico, é possível também por meio de discussões de temas e conteúdos transversais levar a literatura a um outro patamar, de ferramenta multidisciplinar e estimuladora da capacidade e consciência autônoma e crítica do aluno/leitor. Um instrumento didático para outros campos de forma integrada com o estudo da língua portuguesa.

Esta proposta efetiva-se a partir de textos literários clássicos e engajados, possibilitando ao docente abordá-los de forma inovadora e criativa, incentivando a leitura, a pesquisa, o debate e a socialização dos conhecimentos adquiridos.

Conclusão

Usar uma prática político-pedagógica através da literatura é, no mínimo, interessante, tanto do ponto de vista literário quanto humano. No que se refere ao humano, pois, como foi visto, ela pode trazer subsídios que podem contribuir para a formação intelectual não somente dos educandos, mas também dos educadores. Sendo assim, pode-se concluir que a literatura pode ser um caminho ou um instrumento importante na tentativa de modificar os ideais do ensino escolar e pode ser uma arma para promover a autonomia do leitor.

Neste contexto, é possível concluir também que se quisermos desenvolver nos discentes e nos leitores de forma geral, capacidades necessárias para a formação do mesmo, é preciso ir além do ensino tradicional, de conceitos abstratos e distantes da realidade. Temos que percorrer novos caminhos em busca de construir, aperfeiçoar e dominar novos conhecimentos acerca do ensino literário. Mas para isto acontecer, é preciso buscar metodologias de ensino de que possibilitem ao aluno a ter satisfação e vontade em ampliar seu conhecimento, visando uma transformação social, cultural e política.

As metodologias apresentadas aqui são apenas uma das muitas que cada professor pode criar e deve, pois o ensino de literatura ainda não conseguiu encontrar um caminho positivo e aproveitável dentro de muitas salas de aula e nem conseguirá se o próprio professor não se tornar um leitor crítico e consciente do seu papel enquanto formador de opiniões e de cidadãos.

Referências

BORDINI, Maria da Glória. **Guia de leituras para alunos de 1º e 2º graus**. Porto Alegre: PUCRS/Cortez, 1989.

BURNS, Edward McNall, **História da civilização ocidental**: do homem das cavernas às naves espaciais, in LERNER e Robert e MEACHAM, Standish (org) trad. Donaldson M. Graschagem. 30. Ed. Rio de Janeiro.Globo: 1989.

COUTINHO, Afrânio. *O ensino da literatura*. Rio de Janeiro: Departamento de Imprensa Nacional, 1975.

DENIS, Benoît. **Literatura e engajamento de Pascal a Sartre**. Trad. Luiz D. A Roncari. Bauru - SP: Edusc, 2002.